

O MUNDO NO INÍCIO DO SÉCULO PASSADO: CONJUNTURAS INTERNACIONAIS, NACIONAIS E LOCAIS À ÉPOCA DA REALIDADE PRESENTE EM CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA, DE DALCÍDIO JURANDIR

09

Sidney Ferreira Cavalcante

Fernando Jorge dos Santos Farias

Marcia Daniele dos Santos Lobato

Enviado: 01/07/2023.

Aceito: 06/08/2023.

Sidney Ferreira Cavalcante:

Graduado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (2023). Tem se dedicado ao estudo das obras romanescas de Dalcídio Jurandir. Atualmente, é integrante do quadro de praças da Polícia Militar do estado do Pará e atua como agente de segurança pública no município de Porto de Moz.

Contato: yendis_fc7@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0963163617285458>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6741-9533>

Marcia Daniele dos Santos Lobato:

Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação pela Universidade do Estado do Pará, linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia (2018). Especialista em Língua Portuguesa e literaturas pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (2016). Possui graduação em Licenciatura plena em Letras pela Universidade do Estado do Pará (2011). Integrante do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) e do GT Literatura Oral e Popular da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Interesse na área de Literatura de expressão Amazônica, Leitura, Memória, Estética da Recepção, Educação Sensível e Poéticas Oraís. Atuou como Professora Substituta do Departamento de Língua e Literatura

(DLLT) na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente é aluna de doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Pará.

e-mail: marciadaniele.letras@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3254054034675284>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4754-3091>

Fernando Jorge dos Santos Farias:

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP - 2018). Pela Universidade Federal do Pará - UFPA / Campus Altamira, atua como Professor Efetivo e Coordenador do curso de Especialização em Letras: Linguagem e Ensino.

Contato: ffarias@ufpa.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9197049319442628>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5265-8080>

Resumo: O artigo tem como foco o estudo do contexto histórico representado no primeiro romance do escritor paraense Dalcídio Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira* (1941). Nesta pesquisa, buscamos realizar alguns apontamentos entre a realidade global, nacional e local, que presumimos ter sido vivenciada ou pesquisada pelo próprio escritor, posteriormente recriada em seu romance. Para o estudo, optou-se pela aproximação ao método de Análise do Discurso, na vertente de Bakhtin (1997;2015), partindo dos diferentes contextos históricos observados e, na sequência, destacando essas mesmas passagens no plano ficcional, recriados na obra. Dentre as conclusões possíveis, destaca-se a influência dos acontecimentos históricos no desenvolvimento da obra literária, tornando-se perceptível a ideia de que Jurandir explorou temas universais no cotidiano de seus personagens, através de uma abordagem onde contextualizou-se os desdobramentos de alguns eventos históricos na Amazônia marajoara. Além disso, desmitifica-se a ideia que categoriza Dalcídio Jurandir como um escritor regionalista, deste modo, corrobora para o entendimento de um

autor universal e atemporal.

Palavras-Chave: Dalcídio Jurandir. Chove nos campos de Cachoeira. Decadência.

Abstract: The article focuses on the study of the historical context represented in the first novel by Pará writer Dalcídio Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira* (1941). In this research, we seek to make some notes between the global, national, and local reality, which we presume to have been experienced or researched by the writer himself, later recreated in his novel. For the study, we chose to approach the method of Discourse Analysis, according to Bakhtin (1997; 2015), starting from the different historical contexts observed and, in the sequence, highlighting these same passages

in the fictional plan, recreated in the work. Among the possible conclusions, the influence of historical events in the development of the literary work stands out, becoming perceptible the idea that Jurandir explored universal themes in the daily life of his characters, through an approach where the unfolding of some historical events in the Marajoara Amazon was contextualized. Besides, the idea that categorizes Dalcídio Jurandir as a regionalist writer is demystified, thus corroborating the understanding of a universal and timeless author.

Keywords: Dalcídio Jurandir. *It Rains in the Fields of Cachoeira*. Decadence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo se volta a esboçar alguns eventos do contexto histórico e social do início do século XX. Nele, buscaremos traçar um paralelo entre realidade e ficção, apontando alguns aspectos presentes em obras históricas e sociológicas da/sobre a Amazônia, e aqueles re-apresentados no romance *Chove nos campos de Cachoeira* (1991), de Dalcídio Jurandir[1].

Deste modo, em nossa compreensão, é importante entender, ainda que de forma sucinta, o panorama global, nacional e regional das primeiras décadas do século XX, especialmente na linha temporal que compreende as duas primeiras décadas (e início da terceira), uma vez que, provavelmente, este seria o espaço de tempo em que Dalcídio Jurandir produziu sua primeira obra literária.

Sobre essa questão, Farias (2017) argumenta que foi em um panorama conturbado de decadência, frustração e passando por enorme dificuldade financeira (no final da década de 20 do século passado), que Dalcídio Jurandir, verdadeiramente, iniciou os escritos de sua primeira obra romanesca, “*Chove nos campos de Cachoeira*”, romance que lhe renderia expressivo prêmio e certo reconhecimento literário nacional. Portanto, podemos pressupor de antemão que, em certa medida, os acontecimentos do período influenciaram (direta ou indiretamente) a forma como o escritor desenvolveu seu primeiro romance a ponto de ressurgirem em sua obra literária. Partindo da hipótese que a produção literária, por meio da mimese[2], pode ser usada como objeto de espelhamento e desvelamento do mundo real aparente.

Sobre esse lastro da história nos escritos literários, Bakhtin (1997) destaca que devemos reconhecer a importância da historicidade no desenvolvimento de qualquer campo de estudo, seja ele linguístico ou literário, pois ignorar

[1] Trata-se de um dos maiores escritores brasileiros nascido no dia 10 de janeiro de 1909, em Ponta de Pedras, município da Amazônia Paraense. Tal escritor publicou, entre 1941 a 1978, um conjunto de dez obras literárias denominado “Ciclo do Extremo Norte” (vencedor de importantes prêmios: *Dom Casmurro* (1940), *Paula Brito* (1960), *Luíza Cláudio de Sousa* (1960) e o prêmio Machado de Assis (1972) pela Academia Brasileira de Letras, concedido pelo conjunto da obra). Dalcídio Jurandir morreu no Rio de Janeiro, em 1979, deixando um valioso legado literário para as futuras gerações.

[2] A representação na literatura tem seu marco inicial na antiguidade grega, com Aristóteles. Por meio da ideia de que vivemos em um mundo de aparências naturalizadas, Aristóteles nos apresenta a mimese como sendo a imitação da realidade, assim, por intermédio dela, o poeta em seus escritos, teria a habilidade de revelar tudo o que está oculto no mundo, para isso, ele deveria primeiramente desmanchar a realidade e depois reconstruí-la em seu texto, de modo que, o resultado desse processo seria a essência do mundo (SAMUEL, 2007).

a historicidade é trabalhar somente baseado no formalismo e na abstração, isolados do contexto social e histórico da obra.

Portanto, a partir de uma proposta de reflexão sobre o texto literário e o diálogo com a realidade, a teoria bakhtiniana pressupõe que em qualquer texto literário não existe uma única voz no discurso, seja ele do narrador, do personagem ou do próprio autor, mas aponta para uma multiplicidade de vozes presentes na enunciação comunicativa, que interagem entre si e ganham sentido a partir da concepção que o receptor faz delas. Assim, é inviável pensar na ideia de texto como uma unidade comunicativa fechada e isolada, quando na verdade configura-se como um elo com conexões intratextuais e extratextuais (COSTA, 2015).

Nesse sentido, em razão de Chove[3] também abarcar acontecimentos históricos e sociais, de forma ficcional, partiremos desses acontecimentos e, na medida do possível, espelharemos com as passagens dispostas no romance que ilustram diferentes questões regionais, nacionais e internacionais.

REVOLUÇÕES, CRISES E GUERRAS PRESENTES EM CHOVE: UM PARALELO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

O início do século XX foi marcado por enormes tensões entre as principais potências europeias. Enquanto crescia a desigualdade social no mundo, países como Inglaterra, Alemanha, França e Rússia, disputavam acirradamente cada território potencialmente viável para expandir suas ambições capitalistas. Partindo deste ponto, Varela (2017) destaca que diversos fatos históricos ocorridos na virada do século XIX para o XX. Consequências do liberalismo capitalista desregulado, corroboraram para aumentar o distanciamento social na Europa e refletir no contexto social no restante do mundo, entre a classe alta dominante, ou seja, aristocracia europeia, os capitalistas industriais e a classe baixa por assim entender os pobres, camponeses e o proletariado, que, representavam a maior parcela da população.

Posto isso, é válido frisar que tais influências evidenciaram ainda mais as desigualdades sociais no Brasil. Em Chove, temos esse distanciamento social bem representado no contexto vivido pelo personagem Alfredo, uma vez que, assim como a maior parcela da comunidade na vila de Cachoeira, Alfredo levava uma vida de muitas privações. Um dos principais pontos que corroboram com esse entendimento, diz respeito ao contexto educacional

[3] A partir daqui, para abreviar o nome do romance Chove nos campos de Cachoeira, utilizaremos somente o termo “Chove”.

de Alfredo, tendo como único meio de educação formal a escola do seu Proença, claramente regida por práticas opressoras e procedimentos de ensino arcaicos. Realidade bem diferente daquela que o menino viu nas revistas de seu pai, major Alberto:

Viu numa revista o retrato do Colégio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro. E nele que quer estudar. Os meninos ali devem ser bonitos e fortes. A vista da praia e das montanhas leva Alfredo para uma viagem ao Rio onde estudará no Anglo-Brasileiro Ele precisa sair daquela escola do seu Proença, da tabuada, do “argumento” aos sábados, da eterna ameaça da palmatória embora nunca tenha apanhado, daqueles bancos duros e daqueles colegas vadios que todo dia apanham e ficam de joelhos, daquela D. Flor (JURANDIR, 1991, p. 89).

Para fugir dessa realidade, o menino se agarrava aos caroços de tucumã. Mais do que um brinquedo para Alfredo, eles eram uma espécie de “catalisador” de sua imaginação e tinham o “poder” de realizar seus desejos, levando-lhe a vivenciar outros contextos sociais.

Enquanto isso, o expansionismo capitalista inglês espalhou-se por toda Europa ocidental, mas em determinado momento começou a sentir-se ameaçado com o fortalecimento da Alemanha. Nesse período houve diversos conflitos econômicos e políticos dentro do continente Europeu, os quais foram acompanhados por uma crise sanitária que assolou a Europa. Assim, diante dessa perspectiva, o começo do século XX apresenta-se como um dos períodos “mais obscuros” da história da humanidade.

Sobre essa questão Pantoja (2006) acentua que, embora o maior ambiente ilustrado em Chove, a fictícia vila de Cachoeira[1], estivesse situada bem longe dos horrores desses conflitos, tais acontecimentos não passavam despercebidos para o autor e seus personagens, especialmente Ezequias, comerciante e ávido por notícias novas que chegavam nos jornais trazidos de Belém, sendo ele um dos personagens mais citados na obra. Por meio de seus recortes jornalísticos colecionados, temos noção da onipresença da morte sendo informado ao cotidiano do homem marajoara: “Na verdade o jornal faz Ezequias ficar fora do mundo. Ezequias quer saber o que há no mundo e por isso fica fora dele, desligado da vida” (JURANDIR, 1991, p. 46).

[4] O nome da vila ficcional é correspondente direto ao hoje município de Cachoeira do Arari, localizado na ilha do Marajó, estado do Pará, Brasil. Foi o local onde Dalcídio Jurandir cresceu e viveu até mudar-se para Belém, capital do Pará, para dar continuidade aos estudos.

Portanto, nesse panorama de instabilidade generalizada na Europa, a Rússia, também, disputava espaço contra o Império Austro-Húngaro, principalmente, a oeste de seu território, visando as áreas mais industrializadas e que poderiam ser mais rentáveis para o império, em termos de recolhimento de impostos e crescimento capitalista, contudo, crescia também no território russo a insatisfação da população mais miserável do país em decorrência de toda a pobreza fomentada pelo capitalismo liberal desordenado (VARELA, 2017).

É interessante que em Chove, a “ganância” capitalista chega mascarada no discurso socialista do Dr. Casimiro Lustosa, o advogado. Ele conseguia convencer diversas pessoas da vila de Cachoeira a venderem suas propriedades rurais, por valores depreciados, prometendo trazer “progresso e civilização” para aquela gente, por meio da criação de uma fazenda modelo. Ironicamente, “Bem Comum” foi o nome dado para a propriedade do Dr. Lustosa. Para lograr êxito em suas intenções expansionistas, o advogado vendia a imagem de alguém “diferente dos fazendeiros grandes, era um homem moderno e liberal” (JURANDIR, 1991, p. 277).

A verdade é que não passava de uma máscara que ele carregava com grande desenvoltura, e tudo isto para esconder as suas reais intenções de explorar financeira seus conterrâneos. E deste modo, por ser um “homem do povo”, o advogado tinha a admiração de seus concidadãos, como podemos observar:

E o povo admirava o arame farpado novo da cerca, o gasto de dinheiro, aquela mão cuidada e hábil que pousava, de leve, nas costas e no ombro dos cachoeirenses. Não havia dúvida, o sonho desse homem era de proteger os pobres, dar nome a Cachoeira. Merecia até que os pobres não acendessem mais o fogão para que Bem Comum crescesse e progredisse. Durante as festas de Dezembro, doutor Lustosa enchia de moedas as salvas de N. Senhora, arrematava nos leilões e dava presente às moças, distribuía caramelos aos meninos, prometeu um altar ao Sagrado Coração de Jesus para a igreja, foi padrinho em trinta e oito batizados a dez mil-réis (JURANDIR, 1991, p. 280-281).

No cenário internacional, as políticas governamentais do Império russo só aumentavam as desigualdades sociais dentro país, cada vez mais, crescia a parcela da população que vivia na completa miséria, então, em novembro de

1917, sob a liderança de Lênin[1], os bolcheviques, chamados de a “Grande Mancha Vermelha”, com o apoio do proletariado russo, tomaram o poder ocupando a sede do Império, em Petrogrado (atual São Petersburgo), levando a abdicação do czar Nicolau II.

A notícia do avanço do socialismo no continente europeu chegou até a vila de Cachoeira, evidenciado em Chove. Uma “sombra” de temor atingiu a elite dominante local, uma vez que, o assunto foi objeto de preocupação do Dr. Campos. Juiz substituto de Cachoeira, homem culto e que escrevia artigos para o jornal A Verdade, de Belém do Pará. Segundo o juiz, a ascensão do proletariado na Rússia era o apocalipse se cumprindo:

Deus anda ameaçado pelos demônios. Aconteceu na Rússia uma calamidade. Dissolveu-se a família, extinguiu-se a propriedade, destruíram-se os templos, assassinaram os sacerdotes, negaram Deus. Padre Bento que veio da Europa me contou bem a terrível história. Pensam que essa onda maldita não pode invadir o mundo como uma onda de terror e de peste? Dr. Campos escreveu cinco artigos contra o bolchevismo e cinco artigos provando a existência de Deus (JURANDIR, 1991, p. 73-74).

Neste período de incertezas, em 1917, o mundo já estava “mergulhado” no caos da I Guerra Mundial[6] e o cenário era de devastação total, principalmente, para as camadas mais pobres das sociedades globais.

Na representação ficcional de Dalcídio Jurandir, a notícia da guerra chegaria ao conhecimento dos cachoeirenses, e com ela, todo o desalento promovido pelo primeiro conflito bélico mundial. Esta percepção da morte “espreitando” a vila de Cachoeira contribuiu para a construção da atmosfera de tragédia social e decadência humana, sempre constante durante o desenvolvimento do enredo

[5] Vladimir Ilyich Ulianov, popularmente conhecido por seu pseudônimo Lênin ou Lenine (1870-1924), foi um intelectual, político e revolucionário russo, propagador da ideologia socialista. Também foi um dos fundadores da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), da qual se tornou o primeiro chefe de Estado. Sua teoria política, o Leninismo, influenciou na formação e orientação dos partidos de esquerda em várias partes do mundo.

[6] Também conhecida como “A Grande Guerra”, teve início em 28 de julho de 1914 e terminou em 11 de novembro de 1918. Vários foram os fatores que levaram ao primeiro grande conflito armado em escala global, mas em grande medida foi resultante dos conflitos capitalistas na Europa, com seu princípio atrelado pelo aumento das tensões entre as maiores potências Europeias (Alemanha, França, Inglaterra e Rússia), e que envolveu 17 países ao todo, espalhado pelo mundo, dentre eles o Brasil. Essa guerra deixaria registrada em suas estatísticas a marca de mais de 23 milhões de mortos e 21 milhões de feridos (entre soldados e civis). No fim, a Alemanha sairia derrotada, enfraquecida e completamente endividada da guerra.

romanesco, como suscitado no trecho: “Ezequias, comerciante, assombrado com a sífilis e a guerra, campeão de dama na vila e o primeiro que lia jornal novo chegado de Belém” (JURANDIR, 1991, p. 97).

Por outro lado, sobretudo após o final da I Guerra Mundial, os EUA despontavam bem à frente do restante do mundo, no que tange ao crescimento econômico. Os princípios capitalistas, bastante consolidados na primeira metade do século XX, proporcionaram um terreno fértil para o surgimento de uma sociedade americana cada vez mais movida pelo desejo de acumular riquezas. A década de 20 mostrava-se como um período “glorioso” para o povo americano, pois o mercado financeiro parecia uma grande oportunidade de ascender economicamente na pirâmide social. Durante a maior parte da década de 20, havia por parte das instituições financeiras o interesse em fomentar o consumismo exacerbado da sociedade norte-americana, assim, acompanhando e dando vasão a produção industrial em massa de bens de consumo duráveis, principalmente os automóveis e eletrodomésticos.

Diante desse otimismo financeiro, uma grande parcela da sociedade passou a investir na bolsa de valores. Existia uma enorme liquidez no mercado financeiro americano, pois havia muita facilidade para o cidadão tomar empréstimos junto as instituições de crédito para investir na Bolsa, objetivando com isso, lucrar facilmente com a valorização das empresas.

Enquanto a América vivenciava o momento áureo de sua economia, restava ao Brasil a penúria de uma economia subdesenvolvida. “Os tempos” da Belle époque da Amazônia pareciam cada vez mais distantes, e em Chove, a decadência deixada após o primeiro Ciclo da Borracha assombrava Ezequias. E quem sabe para ele, a solução não estivesse no “coração” financeiro do mundo:

Os olhos de Ezequias remexem as notícias de Nova Iorque. Onde estão os milhões do mister Ford para abarrotar a Amazônia? Ezequias sabe todos os nomes dos milionários maiores do mundo. Sabe o total em milhões de suas fortunas. O seu sonho era todo lastreado pelos milhões dos reis do automóvel, do petróleo, do carvão, dos armamentos. Mas as prateleiras de sua taverninha estão melancolicamente vazias (JURANDIR, 1991, p. 47-48).

Ezequias mantinha certa esperança no retorno de Ford para a Amazônia, o magnata da borracha era uma perfeita representação do capitalismo predatório americano, porém, fica evidente que esse olhar desconfiado do comerciante já principiava que coisas boas não viriam dessas notícias de Nova Iorque.

Para ilustrar esse momento na história americana, destacamos a analogia feita por Aguiar (2019), ao apontar semelhanças entre o capitalismo liberal americano e o herói mitológico Ícaro[1]. De tal modo como herói, os EUA com a sua ambição fixada em alcançar patamares econômicos cada vez mais altos, não percebeu a tempo que o liberalismo econômico desregrado, levaria o país a uma catástrofe financeira imensurável, embora, alguns sinais já mostravam a fragilidade sistêmica em que se baseava a economia norte-americana, pois o mercado consumidor não estava mais conseguindo absorver a superprodução industrial, bem como, já no final da década de 20, o mercado financeiro se sustentava sob forte especulação econômica.

De acordo com Crespo (2018), o dia 24 de outubro de 1929 ficou conhecido na história como a “Terça-feira Negra”, quando é registrada a “quebra” (crash) da bolsa de valores de Nova Iorque, algo inevitável diante da grande venda de títulos financeiros em um único dia de operação do mercado, aproximadamente 12,9 milhões, uma vez que, uma parcela significativa de investidores “enxergando” o início da crise, começou a se desfazer dos seus papéis, alimentando uma onda de temor e tornando aquele movimento um ciclo vicioso de desvalorização de todas as ações na Bolsa.

Tal episódio, marcou o início de uma enorme crise econômica de proporções globais, pois a profunda recessão do país mais industrializado do planeta afetaria a todos, impactando fortemente os países mais “pobres” do globo e que tinham ligações comerciais diretas com os Estados Unidos, como era o caso do Brasil. Nos anos seguintes, os EUA entrariam em um lento e complexo processo de recuperação econômica.

[7] Segundo a Mitologia Grega, Ícaro e seu pai Dédalo (o engenhoso inventor que construiu o labirinto do Minotauro para o rei Minos, em Creta) foram presos, por Minos, no labirinto da besta, após Teseu matar o Minotauro. Para fugir da Prisão, Dédalo construiu um par de asas para seu filho, a partir de cera e das penas caídas dos pássaros que sobrevoavam o local, mas recomendou ao filho que não voasse muito próximo do mar (para que as ondas não viessem a atingi-lo) e nem tão alto (para que o sol não derretesse a cera de suas asas), contudo, o herói não seguiu a recomendação do pai e sua ousadia o levou a desejar voar cada vez mais alto, sofrendo a ação do sol, Ícaro caiu no mar Egeu, de onde nunca mais saiu.

Em Chove, observarmos esta representação acompanhando Eutanázio. Filho mais velho do major Alberto, Eutanázio é um homem de meia idade, amargurado pelas experiências negativas da vida, guardava dentro de si enorme ressentimento do pai, sentimento que acabou potencializado por viver sob a dependência financeira de major Alberto. Nutria sentimentos pela jovem Irene, mas dela, recebeu apenas seu desprezo.

E é na procura pela autodestruição, que Eutanázio bate na porta de Felícia, uma mulher em situação de prostituição e que aparentemente estava infectada pela sífilis[1]. “Voltou-lhe a náusea daquela noite de luar em que sentiu a sua desgraçada carne pedir, a sua carne fria, mas suada, o empurrar para a barraquinha de Felícia” (JURANDIR, 1991, p. 25)

Assim, diante dessa conjuntura da crise econômica americana, é na casa de Felícia que encontramos as maiores referências a tal episódio, tendo em vista que, perante toda desolação de Eutanázio, duas coisas não lhe saiam da cabeça nos momentos de maior angústia, o crucifixo e estampa de Nova Iorque pendurados na parede do barraco da prostituta:

Quem teria dado a Felícia aquela estampa de Nova Iorque? Os arranha-céus cresciam dentro do quartinho escuro e sujo. A língua da lamparina dava aos arranha-céus uma cor apocalíptica. A estampa aumentava sobre Eutanázio. Mas numa mesa velha ao canto, e meio arriada, um grande crucifixo mostrava na luz escassa umas vagas costelas redentoras. Onde estavam os olhos de Cristo naquele crucifixo? [...] Eutanázio atira sobre a mesinha, ao pé do crucifixo, o dinheiro que havia no bolso e ainda pôde olhar para a estampa de Nova Iorque. Um nojo e um ódio levantaram-no da rede e com a blusa na mão sai apressadamente, limpando com a manga da camisa o suor do rosto. (JURANDIR, 1991, p. 26-27).

[8] Embora já relatada em inúmeros documentos desde o século XVI, foi no final do século XIX e início do século XX que a sífilis se alastrou exponencialmente na Europa e no mundo, chegando a atingir 1/3 da população europeia. Uma IST (Infecção Sexualmente Transmissível) muito estigmatizada pela sociedade em geral, quase sempre associada aos prostíbulos, fixada na ideia de responsabilizar as prostitutas pela sua proliferação e assim, por muito tempo, desde o século XVI, a sífilis seguiu sem tratamento e com origem desconhecida pela ciência médica. Apesar da descoberta do agente causador da doença, *Treponema Pallidum*, em 1905, pelo médico e bacteriologista alemão Fritz Schaudinn, tal feito não surtiu um resultado imediato na interrupção da epidemia, contudo, após a descoberta da penicilina, em 1928, e sua produção e comercialização em larga escala, a partir de 1943, foi que o mundo pode controlar a propagação da doença e interromper o “terror”, sobretudo psicológico, que ela causava nas pessoas (SOUSA, 1996).

As observações de Pantoja (2006) nos conduzem ao entendimento de que a visão apocalíptica na barraquinha de Felícia, apresentavam uma realidade de decadência iminente e imutável na vida daqueles personagens e que se somava ao desamparo estalado em Chove diante de um “cristo morto” que nada poderia fazer por aquela gente.

Moribundo e decadente, Eutanázio passa a transitar dentro de Chove, entre os diferentes núcleos familiares que compõem a vila de Cachoeira. Através dele, passamos a acompanhar os impactos desses eventos históricos no cotidiano dessas famílias. O crucifixo e a estampa de Nova Iorque perseguiriam Eutanázio durante toda a narrativa.

Portanto, ainda neste período inicial do Pós I Guerra Mundial, a Europa viu a pobreza e a desigualdade social aumentar, acompanhada das crises sanitárias que eclodiram sob a forma de doenças, sífilis e gripe espanhola, que assolaram a sua população, ganhando proporções epidemiológicas ao se propagarem por diversas partes do mundo.

Em Chove, não era somente Ezequias que andava preocupado com a sífilis. A doença parecia ter, em certa medida, se alastrado na pequena vila de Cachoeira, uma vez que, Eutanázio e o Dr. Campos também indicavam ter contraído a enfermidade e, por conta disso, viviam angustiados com a ideia de estarem enfermos. Assim como Ezequias, ambos os personagens tinham em comum o fato de terem mantido relação sexual com Felícia, o que por si só, para eles, já era motivo de vergonha dentro da comunidade local, dado o modo de vida da personagem. Além do mais, a doença trazia consigo uma enorme carga de preconceito, em grande parte, ligada à sua forma de contágio/transmissão, por este motivo, recebia diversas rotulações que depreciavam quem portava a moléstia. O próprio Eutanázio, quando sob as suspeitas de seu pai, major Alberto, foi questionado se carregava a “imundície” em seu corpo, fazendo-o sentir-se cada vez mais combatido.

Outra doença igualmente catastrófica no universo dalcidiano, foi a gripe espanhola. Alfredo vivia aterrorizado com o badalar dos sinos que avisavam quando alguém havia morrido na vila, em decorrência da influenza. “A guerra mandara a Espanhola para Cachoeira” (JURANDIR, 1991, p. 101).

Apesar das inúmeras mortes que a sífilis ocasionou, a pandemia mais mortal do século XX não foi causada por uma bactéria, mas sim, por um vírus. Em um primeiro momento de surto gripal, pensou-se que a influenza espanhola, assim como a sífilis, também tinha origem bacteriana, porém, apenas em 1930 que o vírus responsável pela moléstia seria conhecido. De

acordo com Silveira (2005), a gripe espanhola possuía um alto grau de contágio com sintomas tão diversificados que causaram muitas controvérsias e embates na comunidade médica em relação a sua origem, forma de propagação e agente causador. Em 1918, as “velhas medidas” sanitárias usadas para contenção de doenças contagiosas, isolamento e quarentena, não foram suficientemente capazes de conter o avanço da doença (que também contou com a ajuda da mobilização de tropas na I Guerra Mundial para se proliferar) e a espanhola dizimou a Europa e o mundo, com uma contagem de mortos entre 20 e 40 milhões, gerando medo e terror nas pessoas. A primeira vacina contra a gripe espanhola surgiria apenas em 1944.

Ao que a leitura indica, a doença foi devastadora na vila de Cachoeira. Mais do que uma tradição religiosa, especialmente, em momentos de celebração ou nas ocasiões fúnebres, as batidas dos sinos, sob a responsabilidade do velho Leão, ganhavam um novo significado para os cachoeirenses, indicando agora que a própria morte “caminhava” pelas ruas da vila aterrorizando seus habitantes. O dobre dos sinos eram o alerta que alguém havia morrido de espanhola em Cachoeira:

Alfredo se lembrava da vila sob o peso dos sinos toda hora dobrando a finados. Era a Espanhola, os enterros atravessando o campo para o cemitério, era a morte em Cachoeira. Seu Leão, o sineiro, tinha a cara dos dobres a finados. Era surdo e batia os sinos espalhando em Cachoeira o terror e o pesadelo. Alfredo acordava à noite com aqueles sinos dobrando. Era impressão. Os sinos alucinavam. Velho Leão surdo, pouco se importava que os sinos invadissem as casas, matassem mais depressa os doentes e adoecessem os sãos. Procissões cruzavam a vila. As preces tristes subiam para o céu morno e cheio de estrelas tranqüilas. Alfredo, menino contemplativo e melancólico, se enchia daqueles sinos, daqueles defuntos seguindo pelos campos estorricados e queimados, daquelas preces. O pesadelo dos sinos fazia Major Alberto exclamar, irritado: — Parem com este sino! Parem. E isso que chama ainda mais a morte! (JURANDIR, 1991, p. 101).

A contagem de mortos foi tão grande, que houve a necessidade de se adotar covas coletivas, pois os coveiros da gripe, a exemplo do velho Abade, foram alçados ao nível de heróis dentro da narrativa, por exercerem seu ofício sem temer a contaminação pelo vírus da espanhola, diante da exposição ao enterrar os corpos das vítimas, sem conseguir vencer a alta demanda de sepultamentos

que ocorriam em Cachoeira. Uma tragédia social e sanitária que evidenciava quem eram os mais abastados na vila, tendo em vista que, “Os defuntos pobres iam mesmo nas redes velhas, nas esteiras. As covas já nem eram de sete palmos. Enterravam dois, três, numa cova” (JURANDIR, 1991, p. 101).

Deste modo, A partir da década de 20, cresceu a desconfiança de grande parte da população europeia, especialmente, entre a classe baixa, em relação ao capitalismo liberal, tendo em vista que, a primeira Grande Guerra, a qual deixou a Europa destruída, trazendo fome, doença e miséria ao continente, foi em grande medida, o resultado direto das tensões e disputas provocadas pela expansão capitalista das maiores potências europeias, na virada do século XIX e início do XX.

Em paralelo ao enfraquecimento do capitalismo, o socialismo passou a receber notoriedade, sobretudo a partir da revolução dos bolcheviques na Rússia, em 1917. Fortalecendo-se ainda mais com a criação da URSS, em 1922, e passando a difundir fortemente os ideais marxistas na Europa e posteriormente no restante do mundo.

E diante destas conjunturas globais, o início do século XX ficaria marcado negativamente na história da humanidade, tendo em vista que, observamos a formação do contexto de conflitos políticos e ideológicos, doenças virais e bacterianas, crises econômicas, dentre outras ocorrências.

O BRASIL E O PARÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CRISE ILUSTRADA EM CHOVE

No Brasil, os eventos no cenário externo impactaram diretamente o país, trazendo fortes consequências que ecoaram por várias décadas no século XX. Começando pela Revolução do Proletariado na Rússia, em 1917, sob a alegação de defender o Brasil de em uma suposta “ameaça” advinda do exterior, vinculada ao levante bolchevista, nós tivemos dois grandes golpes políticos no país. O primeiro ocorreu em 1930, com Getúlio Vargas usurpando a presidência da nação após a Revolução de 30, sete anos mais tarde ele se firmaria no “poder” com a decretação do Estado Novo, tornando-se presidente, o cargo de chefe do Governo Federal que mais tempo ocupou na história da república brasileira (1930-1945).

O segundo grande golpe ocorreu em 1964, uma vez que, sob a mesma alegação de que existiria uma conspiração comunista para tomar o poder no país, os militares deram um Golpe de Estado e implantaram o período mais “duro” da história brasileira, onde direitos civis foram revogados, o Congresso

Federal foi fechado, mandatos políticos foram caçados, opositores e críticos ao regime foram torturados, mortos ou exilados do país, dentre outras inúmeras barbaridades promovidas nesse tempo tão “obscuro” da nossa história.

Mas a suposta “ameaça vermelha” não foi o único evento internacional que influenciou na trajetória e favoreceu a instabilidade política do Brasil, outros acontecimentos no exterior trouxeram enormes consequências para o cenário nacional, principalmente nos contextos político, econômico, social e sanitário.

O início do século XX no Brasil, sobretudo nas décadas de 20 e 30, foram períodos muito conturbados, marcados por inúmeros acontecimentos que impactaram fortemente às esferas econômica, política, social e sanitária, provocando grandes mudanças no panorama do país. A Primeira República (1889-1930), demonstrava sinais visíveis de declínio, em parte influenciada por fatores de ordem global, mas que se intensificavam com as próprias disputas internas pelo poder. A primeira grande guerra na Europa (1914-1918), promoveu uma enorme estagnação dos negócios e o um colapso na economia mundial, levando o governo federal brasileiro, bem como, os governos estaduais a passar por severas dificuldades financeiras (MAIA E SARAIVA, 2012).

No romance dalcidiano, observamos que a crise financeira que se espalhou pelo mundo também teve seus desdobramentos no Brasil. Na vila de Cachoeira, diversas famílias haviam empobrecido no início do século XX. O velho Domingão e sua mulher, D. Emiliana, que outrora disfrutavam de uma vida abastada, comida farta servida na louça fina, agora, viam a miséria cair sobre seu chalé:

Uma vez, Eutanázio foi encontrá-los — era o único ser que podia entrar no chalé sem bater palmas — encontrá-los com a mesa arrumada, alguns pratos antigos e caros, uma terrina branca e alta, dois copos cheios d’água. A terrina vazia, os pratos vazios e pelo corredor se podia ver o fogão apagado. Eutanázio não sabia compreender. Também não sabia perguntar. Eles dois que esperavam o imaginário almoço deitaram sobre Eutanázio um olhar tranqüilo e feliz que perturbou o visitante. Estariam loucos? Perguntou ele a si mesmo. Ou eu? Eles nada disseram, ficaram naquela atitude tranqüila e beata esperando o almoço. A mesa estava posta. Tinham retirado do velho e roído guarda-louça os últimos pratos, o resto de louça da passada fortuna. [...], Mas Eutanázio se viu também contagiado daquela súbita loucura, daquele silêncio, daquela fome. Os dois gordos deviam pesar

sobre as velhas cadeiras aflitas não só com o peso da sua gordura mas do seu passado morto, da espécie de certeza de que faziam aquilo porque foram tomados de fraqueza, não sabiam mesmo se era cabeça variada, Eutanázio que decifrasse ou acabasse com aquela cena. (JURANDIR, 1991, p. 181-182).

Além das crises econômicas, o Brasil, assim como o restante do mundo, enfrentaria uma pandemia provocada pela gripe espanhola e um surto de sífilis, ceifando milhares de vidas no âmbito do território nacional.

Em Chove, a precariedade do sistema de saúde da vila é denunciada no discurso de diversos personagens. Havia somente a “botica” do velho Ribeirão para fornecer medicamentos e atender aquela gente. O direito ao precário tratamento de saúde do farmacêutico não era para todos, existia o impedimento financeiro que restringia o acesso somente para aqueles que pudessem custear os remédios. Felícia por exemplo, em certo episódio, quando necessitada de medicamentos para tratar a sífilis, foi expulsa pelo boticário em razão de lhe dever “oito mil-réis”. Dr. Campos dizia que havia mais sífilis nos remédios do velho Ribeirão que em seus pacientes. Para o major Alberto, aquela botica era um lugar insalubre, sem as mínimas condições de higiene (JURANDIR, 1991, p. 216).

O maior cliente do velho Ribeirão era Ezequias, qualquer novo medicamento que chegasse no estabelecimento do farmacêutico, o jovem comerciante corria logo para comprar. Para Ezequias, a sífilis era o flagelo da humanidade, e somente o bolchevismo da Rússia poderia ser comparado a ela. Outra doença que atingiu fortemente os cachoeirenses, foi a gripe espanhola. A espanhola fez inúmeras vítimas em Cachoeira e nesse cenário de desalento, major Alberto tinha chegado à conclusão de que no final das contas: “— Velho Ribeirão, afinal, ganhou um bocado de dinheiro” (JURANDIR, 1991, p. 102).

De acordo com Goulart (2005), a pandemia gripal da espanhola demonstrou a incompetência dos governos federal e estadual na área da saúde, bem como, revelou a deficiência nas estruturas sanitárias do país, uma vez que, não existia nenhuma estratégia de combate à doença para atender a demanda. A pandemia se alastrou de tal maneira que, somente na cidade do Rio de Janeiro, com uma população estimada em 910,710 habitantes, em setembro 1918 (zona urbana e rural), registrou-se em um único dia, 22 de outubro de 1918, o total de 1073 óbitos, sendo 930 óbitos em decorrência da pandemia, um aumento expressivo de mais de 2.000% na taxa de mortalidade se comparada com períodos anteriores a gripe espanhola.

Portanto, a década de 20 no Brasil, foi uma época de muita instabilidade política, crises sanitárias e incertezas econômicas. Tardiamente, o Brasil começava a percorrer o complexo caminho da industrialização, uma vez que o sistema oligárquico[9], mergulhado em diversas crises econômicas internacionais, não era mais capaz de sustentar a economia do país.

Segundo Ferreira e Pinto (2006), uma parcela significativa da sociedade, em sua maioria formada pela classe média, industriais, bancários e o proletariado ligado as atividades urbanas, passou a apresentar uma enorme insatisfação na forma como o Brasil estava sendo conduzido, tendo em vista que, determinados setores econômicos eram esquecidos ou sufocados pela política de centralização da economia baseada na exportação de produtos agrícolas (agronegócio), principalmente, o café[10]. Os sucessivos episódios históricos em contexto nacional, especificamente aqueles ocorridos na década de 20[11], acabaram favorecendo a deflagração do “Movimento de 30” e contribuíram significativamente para uma mudança no panorama político e cultural do Brasil.

Neste cenário de decadência e conflitos políticos entorno do café brasileiro, um acontecimento, em Chove, nos apresenta uma situação com capacidade de promover uma profunda reflexão sobre esta conjuntura nacional. Trata-se do episódio que narra o falecimento de D. Emiliana, a companheira do velho Domingão.

O evento atraiu muita gente para o interior da casa do velho Domingão, pessoas que no tempo da prosperidade, sequer seriam convidadas para sentar-se em sua mesa. Agora, estavam ali, por todo quanto da sua casa. Assim, no decorrer do velório, uma das pessoas presentes, D. Mercedes,

[9] A grosso modo, podemos conceituar as oligarquias como grupos elitistas rurais que detinham o controle político do Brasil, manipulando o Estado para atender seus próprios interesses.

[10] O café é considerado uma commodity. De modo geral, o termo surgiu no século XV, em Portugal, quando o país dominava as navegações e o comércio fluvial, onde produtos naturais básicos, chamados de comodidades, eram comercializados com outros países em sua forma primária. Posteriormente, o mercado financeiro adotou o termo para designar produtos básicos não industrializados, que não se diferem de quem os produziu e/ou onde foram produzidos, e cujo o preço de comercialização é determinado por diversos fatores, dentre eles, podemos destacar um conceito do mercado financeiro chamada Lei de oferta e da procura internacional.

[11] Dentre os diversos episódios históricos da década de 20, podemos elencar a Semana de Arte Moderna, na cidade de São Paulo, em 1922; a fundação do Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional Comunista (PC-SBIC), na cidade de Niterói-RJ, em 1922; o movimento Tenentista, também ocorrido no estado do Rio de Janeiro, em 1922; a comemoração do Centenário da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1922. Dentre outros grandes eventos que eclodiram no Brasil, na década de 20.

preparou o café utilizando a água de uma, das duas latas próximas ao fogão. Quando Eutanázio bebeu o café, algo lhe causou estranheza, então, somente após ele questionar D. Mercedes, descobriu-se que a água usada para lavar o corpo da morta, era a mesma utilizada, sem saber, no preparo do café. E este fato, foi descoberto, quando todos já haviam tomado a bebida:

Depois de provar o café, Eutanázio mirou bem o fundo da xícara, olhou, e com o dedo minguinho mexeu o café. Bebeu mais um gole e qualquer coisa lhe ficou no beijo. E olhou para as pessoas que já tinham tomado ou ainda bebiam o café que D. Mercedes sabia fazer.

(...) — A senhora está vendo? A do café cheia e a do corpo...

— Meu Deus, será possível?...

— Está aqui na minha xícara esta coisa de cadáver, isso, olhe... E Eutanázio sorria D. Mercedes na tentativa dum gesto quis ocultar, pedir para seu Eutanázio... Mas. alguém escutara e logo se espalhou violentamente em todo o chalé, no sereno, acordou os vizinhos, encheu Cachoeira, que o pessoal do quarto tinha tomado café feito com a água que lavara a defunta! (JURANDIR, 1991, p. 183).

Para Pantoja (2006), o trecho acima que narra o café feito com a água que lavou o cadáver de D. Emiliana, representa, de forma ficcional, todo o contexto de morte e decadência presentes em Chove, pois para ele, beber daquele café, era beber do “cálice da morte”. Isto é, todos os presentes ali, comungavam da mesma penúria, decadência e desgraça.

Posto isto, não seria contrassenso conjecturar que o referido café servido no velório de D. Emiliana, seria uma alusão simbólica, em termos literários, do cenário de miséria nacional promovido pela política cafeeira, uma vez que, podemos presumir, que ao compactuar com aquele modelo econômico vigente no Brasil, era beber, também, do “cálice da morte financeira do país”.

Deste modo, começava a desmoronar os pilares que sustentavam a República Velha, sendo este sistema instituído em 1889, e tendo sua primeira constituição republicana em 1891, baseada no modelo norte-americano, que posteriormente permitiria ao Estado brasileiro implementar a República Liberal Federativa como forma de governo. Este modelo de governo fortaleceria o poder dos governantes estaduais, e depois eclodiria em um pacto conhecido como “política dos governadores ou política dos estados”, mas este, não seria suficiente para neutralizar certas problemáticas entre o Poder Executivo e Legislativo, ou entre o governo federal e os governos estaduais (FERREIRA E PINTO, 2006).

Major Alberto era crítico da República. Para ele, esse modelo de governança política culminou em verdadeiras catástrofes financeiras e sociais que tornariam os pobres ainda mais pobres. De forma nítida, o discurso do Major faz clara referência para momentos de grande instabilidade na República brasileira:

Falava muito na sem-vergonhice da política e repetia que a República no Brasil era uma república de palhaçada. Gostava mais da figura barbuda e doméstica do Imperador. Aquela barba tinha qualquer coisa de vovô ninando os brasileiros. A República? E o encilhamento? E a vaidade de Rui Barbosa? E a pamonhice de Lauro Sodré? Só Floriano com aquele “À Bala!” lhe dava alguma admiração (JURANDIR, 1991, p. 67).

É importante destacar que nesse período quanto mais expandido e rentável for o agronegócio em determinada região, maior o domínio dos grandes senhores do campo e maior sua influência na política estadual e federal. Com isso, os estados de Minas Gerais (grande produtor e exportador de leite) e São Paulo (grande produtor e exportador de café) eram as oligarquias que detinham o controle do poder no cenário político nacional, fazendo, alternadamente, suas indicações à presidência da República, tendo em vista que seus produtos agrícolas eram os de maior valor econômico no exterior. Este período histórico no país, onde podemos assinalar seu encerramento na deflagração da Revolução de 30, ficou conhecido como “Política do com Café com Leite”.

Portanto, escolha de São Paulo em romper o acordo tácito com Minas teve desdobramentos políticos que mudaram o destino do Brasil, culminando na Revolução de 30, pois, com apoio das oligarquias mineira e gaúcha, bem como, de grande parte da classe média e dos movimentos populares, em novembro de 1930, o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas tomaria posse da presidência da República do Brasil. Este evento político na linha temporal brasileira marcaria o fim de um período histórico denominado Primeira República, e daria início a uma nova fase política no Brasil. Nela, O sistema oligárquico dominante perderia a centralização do poder. Agora, um novo momento econômico emergia, muito mais voltado para a indústria e o mercado interno, do que para o agronegócio de exportação.

Na passagem do século XIX para o XX, o Pará ainda vivenciava os “benefícios” econômicos advindo da extração da borracha. Com a Proclamação da República, a Constituição de 1891 delegou aos estados, através da descentralização fiscal republicana, competência para realizarem a

arrecadação do imposto por exportação, possibilitando que o Estado nortista aumentasse o volume de sua receita, em decorrência de sua economia ser fortemente pautada na extração e exportação do látex para o exterior, sobretudo, para os EUA.

A Constituição de 1891, também, possibilitou ao governo do Pará, assim como aos demais governos estaduais, autorização para tomar empréstimos no exterior, portanto, diante dessa oportunidade de capitalizar recursos para realizar investimentos locais, que contribuíssem com a expansão extrativista, criou-se uma alta expectativa de crescimento em curto prazo, sendo sustentada por uma dívida financeira que a cada ano crescia junto aos credores internacionais.

As informações erguidas por Oliveira (2010) no levam a entender que, o período áureo da Economia da Borracha durou até o ano 1913, uma vez que, neste mesmo ano, a exploração da borracha na Amazônia foi desbancada pela produção oriunda dos seringais no sudeste Asiático, promovendo a desvalorização do látex no mercado internacional, tornando a atividade extrativista no norte do Brasil inviável economicamente, devido o preço baixo e o alto custo de produção. Razão na qual, fez o estado do Pará embarcar em uma situação de penúria e decadência, pois encontrava-se afundado em dívidas já no começo do século XX.

Deste modo, em Chove, observamos que os muitos discursos presentes na prosa romanesca de Dalcídio Jurandir conseguem ilustrar, em certa medida, os efeitos da crise da borracha na vida dos cachoeirenses. Assim, nos dando uma dimensão do estado de decadência que a Amazônia, sobretudo o Pará, encontrava-se no começo do século passado. Nitidamente, na obra, o autor preocupou-se em abordar, de forma contundente, o contexto de pobreza que atingia diversas famílias na vila de Cachoeira, tendo em vista que, a fome era uma “companheira” constante na vida daquela gente:

Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome. Estava descalça, gripada, assoando o nariz, no fundo do quartinho, onde tinha, na parede, uma estampa de Nova Iorque. Um pote d'água destampado, um caneco jogado no chão, um pedaço de esteira e um cachorro espiando pela porta. A lamparina era como a língua do cachorro com fome ou sede. (JURANDIR, 1991, p. 25 – grifos nossos).

arrecadação do imposto por exportação, possibilitando que o Estado nortista aumentasse o volume de sua receita, em decorrência de sua economia ser fortemente pautada na extração e exportação do látex para o exterior, sobretudo, para os EUA.

A Constituição de 1891, também, possibilitou ao governo do Pará, assim como aos demais governos estaduais, autorização para tomar empréstimos no exterior, portanto, diante dessa oportunidade de capitalizar recursos para realizar investimentos locais, que contribuíssem com a expansão extrativista, criou-se uma alta expectativa de crescimento em curto prazo, sendo sustentada por uma dívida financeira que a cada ano crescia junto aos credores internacionais.

As informações erguidas por Oliveira (2010) no levam a entender que, o período áureo da Economia da Borracha durou até o ano 1913, uma vez que, neste mesmo ano, a exploração da borracha na Amazônia foi desbancada pela produção oriunda dos seringais no sudeste Asiático, promovendo a desvalorização do látex no mercado internacional, tornando a atividade extrativista no norte do Brasil inviável economicamente, devido o preço baixo e o alto custo de produção. Razão na qual, fez o estado do Pará embarcar em uma situação de penúria e decadência, pois encontrava-se afundado em dívidas já no começo do século XX.

Deste modo, em Chove, observamos que os muitos discursos presentes na prosa romanesca de Dalcídio Jurandir conseguem ilustrar, em certa medida, os efeitos da crise da borracha na vida dos cachoeirenses. Assim, nos dando uma dimensão do estado de decadência que a Amazônia, sobretudo o Pará, encontrava-se no começo do século passado. Nitidamente, na obra, o autor preocupou-se em abordar, de forma contundente, o contexto de pobreza que atingia diversas famílias na vila de Cachoeira, tendo em vista que, a fome era uma “companheira” constante na vida daquela gente:

No primeiro romance dalcidiano, a representação da fome tem um aspecto polissêmico dentro da narrativa, evidencia o estado de penúria econômica que assolava a vila de Cachoeira, em grande medida, resultante da crise da borracha e da “quebra” da economia americana. A fome, também, referenciava a degradação da própria condição humana. Segundo esta ideia, avaliamos que para Eutanázio:

O luar lhe dera talvez aquela luxúria, lhe mostrando o caminho da Felícia, e aquela piedade de receber como uma graça o mal de Felícia. Uma Felícia podre, que, naquela hora, porque

estava com fome, porque baixou os olhos, se fez numa Felícia quase santa, pura pela doença que a corrompia cada vez mais, uma imaculada Felícia que devia ser a mãe de Jesus, daquele corpo pendurado numa cruz, em cima da mesa velha e meio arriada. Uma mulher com fome se prestando para homem. Que sensação a de amar uma Felícia com fome. Possuir pelo triste amor aquela fome. Por que Cristo não transformou a pequena cruz em pão para Felícia? (JURANDIR, 1991, p. 27).

A exemplo, o estado decadente de Felícia transcendia sua natureza humana e conferia-lhe uma santidade comparável aos mártires da Bíblia, de alguém que para “matar” sua fome entregava-se de tal modo para um homem, como um religioso fervoroso doa-se para o sacerdócio cristão. Ao que argumenta Pantoja (2006), a beatitude da prostituta se apresenta em face da decadência humana e econômica daquele contexto em que vivia, é uma transfiguração inversa resultante da desgraça humana e da “morte de Deus”, sem um transfigurador aparente. Evidenciando a desesperança em um “cristo inerte” que nada poderia fazer para aliviar o sofrimento humano.

Outros núcleos familiares também buscam representar esse retrato de decadência. É o caso da residência do seu Cristóvão, onde Eutanázio costumava comparecer com bastante frequência. Aliás, foi a caminho da casa do velho Cristóvão que o moribundo filho de Major Alberto ouviu falar “Da crise da borracha. Os seringais desertos” (JURANDIR, 1991, p. 40).

Ezequias, também, sentia os efeitos do esvaziamento dos seringais. O “caderno de fiado” sempre cheio de contas que nunca foram pagas. O próprio Eutanázio lhe devia uma certa quantia em dinheiro, em sua maior parta contraída em benefício da casa de seu Cristóvão. Mas ainda havia esse “fio de esperança” no qual Ezequias se agarrava:

O seu sonho era todo lastreado pelos milhões dos reis do automóvel, do petróleo, do carvão, dos armamentos. Mas as prateleiras de sua taverninha estão melancolicamente vazias. A Charqueada lhe tinha acabado com o sortimento e o crédito. Os doutores da Charqueada passaram o fiado, não fundaram a Charqueada e sumiram com o dinheiro. Deixaram Ezequias revirando as folhas de seu caderno de contas. Quatro contos, seiscentos e três mil e oitocentos reis. (JURANDIR, 1991, p. 48).

O comerciante, assim como outros personagens do romance, teve um final trágico, pois cometeria suicídio e sua morte ficaria na “boca” do povo: “Depois de Ezequias, falaram na crise, na falta de farinha, no abuso dos comerciantes” (JURANDIR, 1991, p. 244).

Ademais, diante de toda similaridade entre realidade e ficção dentro do universo dalcidiano, compreendemos que a historicidade por traz da primeira prosa romanesca, do escritor nortista, se estabelece por meio de uma relação equilibrada do real com o fictício/imaginário, pois além cada qual desempenha sua função, há uma complementação mútua dentro da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pressupor que ao entrelaçar realidade e ficção em espaço amazônico, Dalcídio Jurandir, dentro de seu primeiro romance, buscou estabelecer elementos de ligação nos diferentes contextos sociais em sua época - guerras, polarização política e ideológica, crises econômicas e sanitárias, etc. Deste modo, nos possibilitando realizar uma profunda reflexão sobre os temas elencados, implicitamente, em sua obra.

Nestes termos, entendemos que o escritor paraense, dentro de um contexto regional, conseguiu trabalhar temas universais em *Chove* (morte, vida, política, decadência, dignidade, esperança, entre outros). Por este motivo, avaliamos que a primeira obra romanesca dalcidiana rompe a fronteira do tempo e espaço, tornando-se atemporal. Contudo, vale lembrar, que de acordo com Pantoja (2006), as primeiras críticas literárias sobre *Chove*, especialmente, a que foi produzida em 1942, pelo renomado crítico literário Álvaro Lins, conferiam ao romancista paraense a classificação de escritor regionalista. No entanto, acreditamos, que tal categorização não é capaz de ser mais sustentada nos dias atuais.

Sendo assim, na literatura dalcidiana encontramos um mundo ficcional que se mescla perfeitamente ao mundo real. Logo, Jurandir conseguiu demonstrar notável habilidade literária ao recriar a realidade aparente da época, de tal maneira, que toda confusão e desorientação vivenciada pelos personagens é transmitida ao leitor, uma vez que, durante a leitura de *Chove*, existem momentos em que facilmente nos vemos confusos sobre que ponto estamos situados na narrativa. Para Pantoja (2006), esta forma peculiar de escrever seu texto-embrião, isto é, texto que deu início ao conjunto da obra, é na verdade uma técnica narrativa em que o curso linear do enredo é frequentemente entrecortado por refluxos de incursões psicológicas e monólogos interiores, tendo em vista que, *Chove* apresenta um narrador onisciente que assumi, vez por outra, de forma estratégica a identidades dos personagens, por meio do recurso do discurso indireto livre e monólogo interior.

Neste contexto, podemos ponderar que, os eventos históricos influenciaram diretamente a primeira produção literária de Dalcídio Jurandir. Nestes termos, observamos que o escritor se utilizou da mimese para recriar uma porção do mundo em seu texto, de tal modo, que por meio dessa reconstrução foi possível apontar e criticar inúmeras problemáticas que assolaram o começo do século XX. Tais temas, mesmo passados aproximadamente cem anos, tornam o escritor bastante contemporâneo. Basta olharmos para os recentes acontecimentos do mundo globalizado que se ligam, em certa medida, a Chove. São eles: A pandemia da Covid-19, que provocou milhões de mortes pelo mundo e foi promovida por um novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2; Polarização política fomentada pela radicalização ideológica em diversos países; Crises econômicas eclodindo no pós-pandemia apontando para uma recessão global, o que possivelmente contribui para o aumento da desigualdade social no planeta; A Rússia no “epicentro” de um conflito bélico com desdobramentos capazes de reconfigurar a geopolítica mundial.

Disto isto, Chove, além de ser uma grandiosa obra literária capaz de levar o leitor a deleita-se nas particularidades do universo amazônico, sobretudo em contexto marajoara. A obra também cumpri importante função social ao promover a reflexão nos leitores sobre temas universais que permeiam nossa existência. Assim sendo, conforme argumenta Compagnon (2009), a literatura é libertadora em todos os sentidos. Ela tem o poder de fazer o homem (re)pensar a sua vida e de seus semelhantes, atingindo o interior humano, em muitos casos de forma mais profundamente que a filosofia, sociologia e a psicologia, pois ela é capaz de desorientar, perturbar e desembaraça a mente humana, fazendo desses indivíduos, pessoas melhores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Victor. Os 90 anos da crise de 1929. **Seu dinheiro**, 2019. Disponível em: <<https://www.seudinheiro.com/2019/crise-de-29/especial-crise-de-1929-parte-i/>> Acesso em: 15 de dez. de 2020.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2015.

CRESPO, Mariana Monteiro. **Interpretações da Crise de 1929 no contexto econômico norte-americano**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Dalcídio Jurandir e a Educação: de letrado provinciano à intelectual nacional**. 175 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f.

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **Rev. História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, V. 12, N. 1, jan.-abr. 2005, p. 101-142.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém: Cejup, 1991. 294p.

MAIA, José Nelson Bessa; SARAIVA, José Flavio Sombra. A paradiplomacia financeira no Brasil da República Velha, 1890-1930. **Rev. Brasileira de Política Internacional**, Brasília, Vol. 55, N. 1, 2012, p. 106-134.

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. A luta pela borracha no Brasil e a história ecológica de Warren Dean. **Rev. Territórios e Fronteiras**, Mato Grosso, Vol.3 N.2, jul./dez. 2010.

PANTOJA, Edílson. **Morte, desamparo, niilismo e liberdade: abalo e entusiasmo ante Chove nos Campos da Cachoeira, de Dalcídio Jurandir**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes ,Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2006.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **Rev. Tempo**, Rio de Janeiro, N. 19, 2005, p. 91-105.

SOUSA, J. Germano de. Impacte social da sífilis, alguns aspectos históricos. **Rev. Medicina Interna**, Portugal, Vol. 3, N. 3, 1996, p. 184-192.

VARELA, Raquel. A Guerra das Guerras, a Revolução das Revoluções, 1917. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 8, N. 3, 2017, p. 2227-2255.